



“Entre memórias, (re)existências e lutas do povo negro no Brasil”: uma breve análise da trajetória histórica do quilombismo e aquilombamento como um estado africano implatado no território brasileiro

Francisco Gomes Vilanova¹
Doutor em Educação (UERJ)

 <https://orcid.org/0000-0002-0335-7131>

Renato Ramos de Almeida²
Graduando em História (UFPI)

 <https://orcid.org/0009-0009-8394-0789>

Recebido em: 22/01/2025

Aprovado em: 26/02/2025

RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise sobre o *Quilombismo/Aquilombamento* como um movimento que superou o aspecto da (re)existência e luta dos povos africanos e afrodescendentes e se tornou um “Estado” Africano no território do Brasil colonial. O problema: *Por que o processo histórico da formação do Quilombismo/Aquilombamento no período colonial não é historicizado como a recriação de Estados Africanos no Brasil?* A metodologia usada foi a revisão bibliográfica e integrativa com uso das plataformas científicas para coleta das fontes de

¹ Orientador. Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Doutor em Educação (UERJ). Professor de Metodologia do Ensino de História da Universidade Federal do Piauí-UFPI. E-mail: vilanova@ufpi.edu.br.

² Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Piauí-UFPI. E-mail: renatoramosdealmeida@gmail.com.



pesquisas. Os resultados apontaram que os Quilombos foram a recriação dos “Estados” Africanos no território do Brasil colônia, os saberes ancestrais africanos, sobretudo dos Bantu, foram responsáveis pelo processo de construção destes locais que foram, além de refúgios, e sim locais de (re)existência, luta, conservação da identidade africana e construção da identidade afro-brasileira e dos movimentos *Quilombismo/Aquilombamento* que se manifestam no hodierno.

PALAVRAS-CHAVE

(Re)existências Negras; Quilombismo e Aquilombamento; Estado Africano no Brasil.

Introdução

A História do Povo Negro no Brasil carrega a marca imensurável de sangue de milhares de corpos e mentes que foram ceifadas ao longo do período colonial até a contemporaneidade. A história dos africanos e afrodescendentes no Brasil é forjada pela luta e resistência incessante que vem desde a diáspora africana no século XVI, quando os negros e negras lutavam pelos direitos universais – a vida e a liberdade. No período colonial, os mecanismos e estratégias de luta e resistência contra a escravização dos corpos e mentes eram as fugas individuais e coletivas com objetivo de chegar aos Quilombos, estes surgiram como espaços de vida e liberdade em território que a lei para os africanos e afrodescendentes era o sistema de opressão brutal, predatório e letal através da escravidão. Moore (2012) afirma que os Quilombos não eram apenas um local de “refúgio” para os africanos e afrodescendentes



escravizados fugidos, pelo contrário, estes espaços eram uma espécie de território africano dentro da colônia portuguesa que detinha uma organização similar ou até mesmo igual as estruturas dos “Estados” Africanos.

Para Nascimento³ (2009), o Quilombismo não pode ser interpretado simplesmente como uma ação reativa do sistema colonial português, mas sim como uma organização política, social, cultural, econômico, religiosa e militar que trouxe todos os conhecimentos ancestrais da Mãe África através das vivências e experiências práticas do Ubuntu e seus princípios fundamentais, como: liberdade, autonomia, fraternidade, solidariedade, caridade e vivência em comunidade.

O presente trabalho apresenta uma breve análise sobre os Quilombos e os movimentos do Quilombismo e Aquilombamento como mecanismos de luta e resistência dos povos africanos e afrodescendentes que foram escravizados, através da utilização dos saberes e fazeres africanos ancestrais e a formação e construção de um “Estado” Africano no território do Brasil no período colonial.

A historiografia “branca” oficial brasileira, mesmo diante de vários estudos como de Moura (2021), Nascimento (2009), Nascimento, Moore (2012) e Lara (2022), não reconhecem, no campo histórico, a relevância dos Quilombos como ambientes contracoloniais e que

³ NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In. NASCIMENTO, E. L. (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.



construíram uma espécie de recriação dos “Estados” Africanos no território brasileiro no período colonial e imperial.

O estudo fundamenta-se na problematização das concepções teóricas e históricas sobre os termos Quilombismo e Aquilombamento, que são originados – gestados e paridos – a partir do estudo de natureza interdisciplinar no campo das humanidades, como: aspecto histórico, antropológico, sociológico e etnográfico dos Quilombos realizados pelos historiadores e sociólogos: Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, Clóvis Moura, Carlos Moore, entre outros pesquisadores da área das humanidades. A relevância do presente estudo consiste no processo de conceder novos conhecimentos sobre a importância de reconhecer historicamente que os Quilombos foram a recriação dos “Estados” Africanos no território do Brasil colonial.

Reflexões sobre as concepções de Quilombismo e Aquilombamento

A concepção, ou concepções, sobre Quilombismo ou Aquilombamento surge desde o período da formação dos núcleos de povoados negros, denominados Quilombos, formados por africanos e afrodescendentes que fugiam dos engenhos de açúcar para ter acesso a dois dos direitos universais da humanidade, o primeiro, o direito a Vida, e o segundo, o direito à



Liberdade para viver em conformidade com a sua cosmovisão. Nascimento⁴ (2019) afirma que Quilombismo é um fenômeno que transcende o conceito, características e elementos compositores do Quilombo, principalmente ultrapassa a visão e mentalidade imagética da estrutura física, histórica e geográfica que surgiu com os mocambos e quilombos que são considerados as sementes da luta e resistência do povo negro contra a escravização dos seus corpos e mentes em prol do enriquecimento ilícito dos portugueses no período colonial.

Nesse sentido, compreende-se que Quilombismo é um fenômeno que tem como semente fundacional o Quilombo, mas evoluiu ao longo dos tempos de tal maneira que pode e deve ser interpretado como um movimento sistêmico com aspectos transcendentais como: político, social, cultural, econômico, filosófico, histórico e antropológico que concedem aos quilombistas um repertório com base nos saberes e fazeres ancestrais africanos, por exemplo, viver com base nos princípios da coletividade, solidariedade, cooperação, resume-se na filosofia Ubuntu – eu sou porque somos.

Nascimento⁵ (2006) ressalta que os Quilombos ou mocambos foram uma organização contracolonial que tinha como princípio fundamental o direito à vida, com foco total no direito à liberdade e um sistema de convivência coletiva com base nos saberes e fazeres africanos, ou seja, a vivência com base na Ancestralidade. Desse modo, o Quilombismo é uma espécie de

⁴ NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 2. ed. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor, 2019.

⁵ NASCIMENTO, Beatriz. *Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso*. In: RATTIS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.



evolução dos Quilombos, pois enquanto a concepção de quilombo é restrita aos aspectos físicos, históricos, geográficos – espacial, ambiental e limítrofe, o Quilombismo tem a sua essência no aspecto de movimento, ação, atitude, comportamento e principalmente a constância no âmbito da evolução da concepção, interpretação e sua finalidade no hodierno.

Para Moura⁶ (2020), o Quilombismo é um movimento de natureza sistêmica, com foco principal no âmbito político que ultrapassou todos os elementos compositores dos quilombos como meras estruturas e organizações de refúgios – espaços que acolhiam os africanos e afrodescendentes que fugiam da escravização dos seus corpos e mentes – como a historiografia “branca” oficial brasileira interpretou e, ainda hoje, interpreta. A perspectiva de Moura fundamenta de maneira histórica, antropológica, sociológica e didática o que realmente os quilombos foram no período colonial e são na contemporaneidade, estes foram organizações negras que representam, expressam a luta e resistência de caráter revolucionário dos povos africanos e afrodescendentes contra o sistema escravista e que preservaram de forma autêntica e resistente os saberes e fazeres ancestrais africanos no território brasileiro.

Nessa perspectiva, Nascimento⁷ (2021) afirma que o Aquilombamento é um movimento que possui uma essência na dinamicidade e evolução contínua em todos os mecanismos, estratégias e estruturas que envolvem as organizações e questões das lutas e resistências do povo negro no território brasileiro no hodierno independente do espaço, seja no ambiente rural ou

⁶ MOURA, Clóvis. *Quilombos – Resistência ao Escravismo*. São Paulo: Dandara Editora, 2020.

⁷ NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.



no ambiente urbano. A autora defende que Aquilombamento é um “verbo”, pois parte do princípio da ação, atitude e comportamento de se organizar e mobilizar de forma coletiva com foco nos valores de existir, resistir e viver em comunidade com base nos saberes e fazeres da Ancestralidade Africana, principalmente com uso da memória e sentimento de pertencimento do povo negro.

Gomes⁸ (2015) ressalta que Aquilombamento pode e deve ser definido como uma espécie de processo que tem a sua origem histórica através da formação e construção dos quilombos, mas que este transcendeu a essência historiográfica desses espaços autônomos que resistiram e lutaram contra o sistema colonial português no Brasil e que a sua evolução se materializa diariamente nas organizações, estruturas, estratégias e mecanismos, saberes e fazeres ancestrais de lutas e resistências sociais na contemporaneidade. A perspectiva de Gomes fundamenta e materializa o Aquilombamento como um processo de identidade do povo negro, pois desde os primórdios os povos africanos tem como um dos valores e princípios a defesa das vivências e convivências em comunidade, sempre organizar-se de forma coletiva, não somente no momento das lutas e resistências, mas no próprio cotidiano, por exemplo, a luta diária dos quilombolas pelo acesso aos seus direitos a sua territorialidade.

Destarte, que as reflexões sobre a concepção de Quilombismo e Aquilombamento demonstram que estes não podem ser lidos e interpretados apenas como meros conceitos de natureza histórica e que ficaram presos no passado colonial, pelo contrário, estes são concepções

⁸ GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



que evoluíram e hoje são movimentos que se constituem diariamente nas vivências práticas do povo negro na esfera das lutas e resistências com foco nos aspectos estruturantes, como: político, social, cultural, antropológico, sociológico, filosófico, entre outros.

A formação do Quilombismo e Aquilombamento no Brasil

O Quilombismo e Aquilombamento no Brasil teve seu início com a Diáspora Africana durante o ano de 1502, esse fenômeno constitui o maior tráfico humano da história de vários povos africanos (milhares de etnias) para a escravização dos seus corpos e mentes que perdurou oficialmente até o ano de 1855 no Brasil Colônia. Neste mesmo período do tráfico humano dos povos africanos, entre os anos de 1530 a 1560, ocorreu um aumento vertiginoso dos povos africanos da etnia Bantu ou Bantus na colônia portuguesa. Os Bantus foram os primeiros povos africanos que tiveram êxito no processo de resistência e luta contra a escravização e pelo direito à vida e a liberdade no período colonial através da formação de Quilombos e Aquilombamentos.⁹

Compreende-se que os termos “Quilombismo e Aquilombamento” são derivados de Quilombo, ambos possuem na essência dos seus respectivos conceitos o ato de luta e resistência do povo negro que no período colonial tinha como inimigo letal a escravização não somente dos corpos, mas principalmente das suas mentes impostas pela ambição imensurável dos invasores – portugueses – que tinha um único objetivo promover o enriquecimento da Coroa portuguesa através do sangue e vida dos povos africanos e afrodescendentes.

⁹ GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



O processo de formação do Quilombismo e Aquilombamento no Brasil surgiu no início do século XVI, no ano de 1575, no território baiano, com o surgimento dos primeiros núcleos de povoados negros, que em busca da sua liberdade e viver de acordo com a sua cultura, baseada na sua ancestralidade, fugiram das garras da escravização e do sistema predatório colonial português no território brasileiro. Nascimento¹⁰ (2006) argumenta que os termos Quilombismo e Aquilombamento foram instituídos através dos estudos sobre os Quilombos como um mecanismo de luta e resistência do povo africano e afrodescendente que recriaram nesses núcleos de povoados a cosmovisão e estruturas da sua identidade cultural – ancestralidade.

Nesse contexto, a formação dos quilombos no Brasil possui uma cronologia (Quadro 1) específica e conflui com o tráfico negreiro dos povos africanos da etnia Bantu a partir do século XVI no território da Bahia. O primeiro quilombo formado no Brasil colonial surgiu nos anos de 1574 a 1575 na região da Bahia, e somente no século XVIII ocorre uma espécie de “boom” e surgiram milhares de Quilombos, principalmente na região nordeste da colônia, estes espaços geraram inúmeros prejuízos para o sistema colonial português e o fortalecimento do povo negro.

Quadro 1 – Cronologia da formação dos Quilombos no Brasil.

Ano/Século	Quilombo	Região	Duração
1590 / XVI	Complexo dos Palmares	Alagoas	+100 anos
1705 / XVIII	Quilombo Jaguaribe	Bahia	+10 anos

¹⁰ NASCIMENTO, Beatriz. *Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso*. In: RATT'S, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.



1713 / XVIII	Quilombo Muritiba	Bahia	+10 anos
1713 / XVIII	Quilombo Maragojipe	Bahia	+10 anos
1726 / XVIII	Quilombo Ambrósio	Minas Gerais	33 anos
1727 / XVIII	Quilombo Campo Grande	Minas Gerais e São Paulo	33 anos
1730 / XVIII	Quilombo do Quariterê (Piolho)	Mato Grosso	+40 anos
1744 / XVIII	Quilombo do Buraco do Tatu	Bahia	21 anos
1790 / XVIII	Quilombo do Kalunga	Goiás	98 anos
1817 / XIX	Quilombo do Catucá	Pernambuco	18 anos
1831 / XIX	Quilombo Cumbe	Rio Grande do Norte	+10 anos

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024. (Adaptado de Moura, 2020).

Conforme o quadro 1, entende-se que a trajetória histórica da formação dos Quilombos no Brasil iniciou no século XVI e se intensificou no século XVIII, este fato está relacionado ao aumento do quantitativo de africanos traficados nesse período. Assim como a expertise adquirida pelos africanos e afrodescendentes sobre o território da colônia e suas alianças com os povos pindorâmicos. Nesse sentido, Moura¹¹ (2021), Nascimento¹² (2002) e Filgueira e Silva¹³ (2019), apontam que o processo de formação e construção do movimento Quilombismo e Aquilombamento ocorre através da inteligência ancestral do povo africano que diante de uma

¹¹ MOURA, Clóvis. *O Negro, de bom escravo a mau cidadão?* São Paulo: Dandara Editora, 2021.

¹² NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares/ OR Produtor Editor, 2002.

¹³ FILGUEIRA, André Luiz de Souza; SILVA, Mary Anne Vieira. Afrocentricidade, quilombismo e colonialidade do poder: saberes insurgentes nas textualidades de Abdias do Nascimento e Aníbal Quijano. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 19, n.2, p. 1-17, e-190210, jul./dez., 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>. Acesso em: 30 jul. 2024.



realidade de opressão extrema e predatória alcançou o seu objetivo primordial, conquistou a sua liberdade através de estratégias e mecanismos de fugas organizadas e a construção de um território contracolonial no interior da colônia portuguesa, que se tornou um ambiente da expressão plena de luta, resistência, liberdade e ancestralidade. Para autor, o desenvolvimento da formação e construção de fato do Quilombismo e Aquilombamento deve ser entendida como uma vivência e prática social que promoveu não somente uma espécie de ruptura da lógica escravista, mas fundamentou e construiu além de organizações, estruturas de âmbito político, social, cultural, econômico, religioso, entre outros, com base nos saberes e fazeres africanos ancestrais, por exemplo, as vivências e convivências em comunidade – fraternidade, solidariedade e coletividade.

O Quilombo e Aquilombamento como um estado africano no Brasil

A formação de Quilombos e mocambos foi uma das maiores estratégias e mecanismos de resistência, existência e luta dos povos africanos e afrodescendentes contra o sistema da escravização implantada pelos portugueses (europeus) no processo da exploração predatória do Brasil no período colonial e imperial.



Para Moore¹⁴ (2012), os quilombos historicamente sempre foram vistos como espaços de “refúgios”, meros centros povoados por negros e negras que fugiram da estrutura colonial, principalmente da escravidão e tentavam viver longe dos grilhões, açoites, trabalhos forçados e todo tipo de violência que seus corpos e mentes podiam suportar impostos pelos “brancos invasores”, no caso do Brasil, os portugueses. Moore (2012) define os quilombos de forma totalmente distinta da historiografia “branca” oficial brasileira, para o autor, os quilombos foram territórios construídos com toda a tecnologia africana – saberes e fazeres ancestrais – estes ambientes podem e devem ser entendidos como uma espécie de organização com todas as características dos “Estados” africanos, ou melhor, como Reinos Africanos compostos por estrutura bem definida nos âmbitos: político, social, cultural, econômico, produtivo, religião e principalmente a estrutura militar que servia para manter a segurança dos quilombolas.

Compreende-se que Moore defende a perspectiva histórica que os Quilombos foram verdadeiros reinos ou estados africanos recriados no território do Brasil colonial e ao mesmo tempo que recriaram todos os elementos e características das organizações africanas estes locais contribuíram para a devida preservação da identidade negra dos povos africanos que viveram e conviveram nos quilombos independentemente do tipo de quilombo – permanente, sazonal e móvel (andarilhos).

Moura (2021) afirma que os quilombos foram verdadeiras recriações dos “Estados” Africanos no Brasil, pois estas organizações detinham de forma nítida as características da etnia

¹⁴ MOORE, Carlos. *Aquilombar: O Movimento de Resistência Cultural Africana no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.



africana que liderava o processo de formação e construção do quilombo. Por exemplo, os povos Bantus foram os pioneiros na construção dos quilombos no Brasil colonial, o complexo de Quilombos dos Palmares, tinha uma influência maciça da etnia Bantu e era constituído de outras várias etnias africanas. Desse modo, a perspectiva de Moura sobre o conceito e denominação do Quilombo como um “Estado” Africano é uma leitura detalhada sobre os elementos compositores da organização política, social, cultural, hierárquica, militar, religiosa, econômica fruto dos saberes e fazeres ancestrais africanos encontrados nesses ambientes que por muitos anos e ainda hoje é descrita pela historiografia “branca” oficial brasileira como simples locais de “negros fujões” ou “refúgios” de natureza temporária, pois os portugueses conseguiam recapturar os africanos e afrodescendentes refugiados nos quilombos.

Macedo¹⁵ (2013) aponta várias características dos “Estados” Africanos nos quilombos que se formaram no território brasileiro independente da região no período colonial. Entre as características similares pode-se destacar as seguintes: organização política; estrutura hierárquica; autossuficiência; senso de comunidade; identidade e cultura; religião e espiritualidade; luta e (re)existências; sistema de defesa; relações diplomáticas e comerciais (Quadro 1). De certo que existiram alguns tipos de quilombos, alguns praticavam nomadismo como mecanismo de defesa (tinham baixo contingente de pessoas), a grande maioria foram os quilombos permanentes (grande contingente de pessoas) ergueram as paliçadas, torres de

¹⁵ MACEDO, José Rivair. *História da África: Uma Introdução*. São Paulo: Contexto, 2013.



vigilância e armadilhas como mecanismo de defesa contra investidas militares (oficiais e particulares) e pilhagens dos inimigos.

Quadro 2 – Características dos Quilombos no Brasil influenciados pelos “Estados” Africanos.

Características	Detalhamento
Organização política	Desenvolveram sistemas políticos baseados em hierarquias locais, liderança comunitária e, frequentemente, conselhos de anciãos ou chefias. A valorização e o respeito pela sabedoria dos mais velhos, principalmente das Yabás, influência direta dos saberes e fazeres africanos, famílias matrilinear ou matriarcal (Asante ¹⁶ , 2003) (Lara ¹⁷ , 2022).
Estrutura hierárquica	Havia uma liderança central e conselhos que governavam e tomavam decisões sobre questões estratégicas, de modo semelhante aos conselhos de anciãos e líderes tribais em sociedades africanas tradicionais (Asante, 2003) (Moura, 2020).
Autossuficiência	Sistema produtivo de subsistência, produção de alimentos de primeira necessidade: mandioca, milho, feijão, criações, realizavam a caça e pesca. Era uma estratégia primordial, pois não podiam realizar transações comerciais de forma livre devido os escravistas e colonos, tinham que se manter fora da vigilância dos “colonizadores” (Moura, 2021); (Lara, 2022).
Senso de Comunidade	O conceito de comunidade era central. A filosofia de “Ubuntu” (Eu sou porque nós somos) estava presente no sentimento comunitário e na ideia de que o bem-estar do indivíduo estava interligado ao bem-estar da comunidade (Asante, 2003).

¹⁶ ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricidade: teoria da mudança social*. Philadelphia: Afrocentricity International, 2014. BRASIL, Decreto Presidencial nº 4.887. Brasília, 2003.

¹⁷ LARA, Silvia Hunold. *Palmares & Cucau: o aprendizado da dominação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.



Identidade e Cultura	Os quilombos eram formados por várias etnias africanas, a presença de etnias pindorâmicas e “brancos pobres”. Mas sempre tinha uma etnia africana que predominava, geralmente a responsável pela formação e construção do quilombo e assim a preservação da identidade cultural era mantida, e em alguns casos surgia uma nova identidade devido ao processo de sincretismo cultural (Moura, 2020).
Religião e Espiritualidade	O processo de preservação dos elementos religiosos e espirituais foi um dos mecanismos de resistências mais intenso nos quilombos, por exemplo, Complexo de Palmares. Os quilombolas realizavam rituais e cerimônias religiosas e sociais puramente africanas, estes procedimentos auxiliaram na consolidação da identidade sistêmica no campo político, social, cultural e não somente religioso, espelhando as práticas dos Estados Africanos onde a Espiritualidade e a Política eram profundamente interligadas (Santos ¹⁸ , 2015).
Luta e (re)existência	Os quilombos foram e são um mecanismo de preservação e conservação dos saberes e fazeres africanos no território brasileiro, um instrumento de (re)existência contracolonial que faz uso da memória e ancestralidade africana que reside em todo afrodescendente no Brasil, a verdadeira História Negra é personificada, significada e ressignificada através dos quilombos e quilombolas (Nascimento, 2006) (Moura ¹⁹ , 2021) (Moura ²⁰ , 2023).
Sistema de Defesa	Os quilombos, especialmente o <i>Quilombo dos Palmares</i> , possuíam sistemas de defesa organizados, com estratégias de guerra e autodefesa sofisticadas – <i>Paliçadas, Torres, armadilhas</i> , etc. Essas táticas eram fundamentais para a sobrevivência das comunidades diante das constantes investidas das forças coloniais (Moura, 2021).

¹⁸ SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília/DF: INCTI/UNB, 2015.

¹⁹ MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a rebelião negra*. São Paulo: Dandara Editora, 2021.

²⁰ MOURA, Clóvis. *Brasil: raízes do protesto negro*. São Paulo: Dandara Editora, 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Conforme a leitura do quadro 2 compreende-se que as principais características estruturais dos Quilombos que se levantaram contra o sistema colonial português no Brasil são todas sem exceção das organizações que fundamentaram os “Estados” Africanos que formaram vários reinos e impérios pelo continente africano, por exemplo, Reino do Congo (fundado pelos povos Bantus), Império Mali (fundado pelos povos Mandingas), Império Oyó (povos Yorubás), entre outros que detinham um organização política, social, cultural, econômica, religiosa bem definida. De acordo com Macedo (2013), os “Estados” Africanos possuíam uma estrutura hierárquica bem sofisticada e em alguns casos complexas, a grande maioria dos reinos e impérios africanos tinha a estrutura política ligada ao âmbito religioso o que facilitava o processo de legitimação do poder e do sistema de governo. Nesse sentido, os estudos sobre os Quilombos no Brasil como de Nascimento (2002), Nascimento (2006) e Moura (2020) apontam que estes espaços recriaram a organização e estrutura dos “Estados” Africanos, e um dos maiores exemplos é o Complexo de Quilombos dos Palmares (Alagoas), assim como o Complexo de Quilombos do Campo Grande (Minas Gerais).

Análises e reflexões

O processo analítico sobre os Quilombos e os movimentos contemporâneos do Quilombismo e Aquilombamento através dos estudos de Moura (2021), Nascimento (2002),



Nascimento (2006), Moore (2012) e Lara (2022) apontam de forma elucidativa que os Quilombos podem e devem ser interpretados historicamente como um processo de recriação dos “Estados” Africanos no território do Brasil no período colonial e imperial devido as inúmeras características identificadas na estrutura desses ambientes que equivocadamente, ou melhor, propositalmente são descritos pela historiografia “branca” oficial brasileira como simples locais de “refúgios” dos negros e negras que fugiam da escravização da máquina colonial portuguesa.

Moura (2020) confirma que a estrutura geral dos Quilombos detinha elementos da cosmovisão dos povos africanos, era uma espécie de mistura dos sistemas de vivências e experiências práticas dos variados grupos étnicos da Mãe África que foram sequestrados, traficados e escravizados. Por exemplo, os Povos Bantus foram os que mais contribuíram para o processo da formação dos quilombos no período colonial no Brasil, assim como, os povos Yorubás, entre outras etnias que foram vítimas do maior tráfico humano e escravização da história da humanidade. Nascimento (2002) afirma que o Quilombismo é um movimento contínuo do Povo Negro no Brasil na luta e (re)existência contra toda e qualquer tipo de opressão, no passado a causa da rebelião negra era destruir a escravidão o motor principal do sistema colonial português, na contemporaneidade a causa da luta negra é destruir o racismo e implementar de forma plena a equidade racial.

Nascimento (2006) e Gomes (2015) ressaltam que o Quilombismo e o Aquilombamento são filhos primordiais da recriação dos “Estados” Africanos no formato dos Quilombos, que



antes eram espaços com estrutura física e permanente, mas com o passar do tempo, estes tornaram-se “*verbos contínuos*” que expressam a forma de pensar, reunir, organizar e agir em coletividade dando continuidade à luta e (re)existência ancestral do Povo Negro no Brasil. Nesse sentido, essas concepções ultrapassam a natureza histórica dos Quilombos como mecanismos de lutas e (re)existências a escravidão, esses são a personificação do Levante Negro com base na forma de pensar e agir com foco na liberdade, organização política, social, cultural, econômica, religiosa e defesa da Identidade Afro e Negra no Brasil e combate incessante e incansável contra o racismo e a implantação da equidade racial nas estruturas do Estado “democrático” e sociedade brasileira.

Considerações finais

Diante dos resultados das análises e reflexões sobre os Quilombos, “Quilombismo e o Aquilombamento” confirma-se que estes movimentos que para além de marcarem a trajetória histórica dos povos africanos e afrodescendentes pela incessante (re)existência e luta contra a insana e ambiciosa máquina colonial “capitalista”, desumana e predatória portuguesa e a favor dos direitos universalistas da humanidade – direito a Vida e direito a Liberdade, é resultado da formação e construção de inúmeros centros e núcleos de povoamentos de africanos e afrodescendentes – Quilombos e Mocambos – que fugiram da escravização dos seus corpos, mentes e espíritos e recriaram no território do Brasil colonial organizações e estruturas com características dos “Estados” Africanos – Reinos e Impérios Africanos no interior da colônia



portuguesa, o que demonstra o nível de organização dos povos africanos nos aspectos: social, político, econômico, cultural, religioso e militar e que ressoam, reverberam ainda no hodierno como uma trajetória Africana e Afrodiaspórica que concede fundamentação, embasamento, empoderamento para os Movimentos Negros no Brasil.

Mas, estes movimentos “Quilombismo e o Aquilombamento” frutos da evolução dos Quilombos revelam que a trajetória africana e afrodescendente no Brasil – História Negra no Brasil tem a sua base na construção de uma sociedade equitativa através da filosofia **Ubuntu** – “Eu sou porque somos” e seus respectivos valores e princípios: senso de comunidade, solidariedade, fraternidade, cooperação, respeito e valorização aos anciãos e anciãs, valorização da coletividade, objetivos comutativos entre outros.

Destarte, o Quilombismo e Aquilombamento não são apenas conceitos ou concepções de natureza e fundamentação histórica, mas práticas de natureza sistêmica que se apoia na organização e ações políticas, sociais, culturais, econômicas, antropológicas, sociológicas e filosóficas que atravessam o tempo e fundamentam as lutas e (re)existência pela a autonomia e liberdade do Povo Negro no território do Brasil. Desse modo, é crucial que a historiografia “branca” oficial brasileira reconheça, admita que os Quilombos que gestaram e pariram o Quilombismo e Aquilombamento não foram meros ambientes de “refúgios” e que existe uma imensa profundidade nos conceitos, intencionalidade e nível de organização dos mesmos e assim compreender a sua importância como mecanismos, estratégias e ferramentas de luta e (resistência) do Povo Negro no combate dos racismos e busca pela equidade racial no Brasil.